

“Pelo interesse dos Homens Pretos, Noticioso, Literário e de Combate”.

O jornal *O Clarim d' Alvorada* no pós-abolição (1924-1932)

Maria Cláudia Cardoso Ferreira

A finalidade primordial deste trabalho é analisar o periódico *O Clarim d' Alvorada*, um dos jornais da chamada “imprensa negra”, uma das fontes utilizadas na confecção da minha pesquisa de doutorado no CPDOC/FGV. *O Clarim d' Alvorada* foi fundado pelos jovens militantes Jayme de Aguiar e José Correia Leite, em 06 de janeiro de 1924 com o nome de *O Clarim*. Posteriormente, em 06 de maio do corrente, passou a chamar-se *O Clarim d' Alvorada*. Era editado na cidade de São Paulo mas também teve circulação em outras cidades do interior e estados, como por exemplo: Botucatu, Sorocaba, Rio de Janeiro e Bahia.

O jornal teve três fases: a primeira, que foi de 06 de janeiro 1924 a 06 de outubro de 1927, compreende um conjunto de 31 periódicos¹; a segunda, de 05 de fevereiro de 1928 até o ano de 1933 contém 26 exemplares². Em 1933, após desavença com militantes da Frente Negra *O Clarim d' Alvorada* é extinto, só voltando a existir em 1940, data de início de sua terceira fase³. Para nossa pesquisa, interessa-nos somente os números da segunda fase, iniciada em cinco de fevereiro de 1928, pois foi naquele momento que Correia Leite assumiu a liderança do tablóide com o posto de “redator responsável” e, segundo nossa análise, o jornal passou a apresentar uma identidade política voltada para a “questão racial” mais assertiva, propondo inúmeras atividades e reflexões que passavam pela questão do reconhecimento do papel do grupo negro na história do país, especialmente na cidade de São Paulo, além de tentar mobilizar este mesmo grupo para questões voltadas à conquista da cidadania plena, não apenas jurídica. Os exemplares ao qual estou tendo acesso faziam parte da coleção dos próprios

¹ Primeira: 1924 - ano I n.º 1 ao 8; 1925 - ano II n.º 12 ao 17; ano III n.º 18 ao 27; 1927 - ano IV n.º 28, 30 ao 31 e 33 ao 36

² A segunda de 05/02/28 até... 1933, ano 1 n.º 1 ao 3, 5 ao 7 e 9; em 1929 eles retomaram no ano IV respeitando a numeração da primeira fase. Assim, ano V n.º 12, 13 e 16 ao 22; 1930 - ano VI n.º 23 e ano VII n.º 25, 26, 29 e 30 (25/01/30 a 28/09/30) 1931 - ano VIII n.º 34,36,38 (26/07/31 a 28/09/31 e 20/12/31) 1932 - ano IX n.º 39,41 (31/01/32 a 13/05/32).

³ Na Biblioteca consta apenas o exemplar que a inaugura, com a data de 28/09/1940,ano I n.º 1.

militantes Jayme de Aguiar e Correia Leite. Foram microfilmados e encontram-se disponíveis para consulta na Biblioteca Nacional⁴.

Sabemos que os jornais são fontes riquíssimas e podem servir a diferentes estudos, pois através deles podemos identificar a difusão de idéias e concepções políticas de uma dada pessoa ou grupo. A preocupação educativa estampada neste veículo; o dia-a-dia das organizações através da contabilidade, da divulgação de atividades e convocação para comemorações, etc. Vale informar que os jornais e demais textos produzidos pelos militantes estampados nos panfletos, convites etc. são entendidos aqui enquanto "sistemas de comunicação" cujas engrenagens são os indivíduos que os escrevem, imprimem e divulgam⁵, ou seja, nosso interesse é conhecer o sujeito responsável por escrever, imprimir e fazer circular aquelas idéias. Portanto, não será nossa tarefa traçar a história de cada periódico, nem esmiuçar as diferentes colunas e seções em que ele estava dividido, interessa-nos somente, numa abordagem que não faz opção pela análise de discurso, expor as idéias dos personagens relacionando-as com o momento vivido e com os projetos que estes intencionavam pôr em prática.

Antes de entrarmos no material contido em *O Clarim d' Alvorada*, convém tecer algumas considerações sobre o tema da "imprensa negra" em São Paulo, ou seja, sobre uma das faces da identidade racial surgida no meio negro paulista a partir da década de 20. Estudos informam que tais movimentos surgiram como consequência da forma tradicionalista, patrimonialista, discriminatória e excludente que se estabeleceu a relação entre brancos e negros na cidade de São Paulo, pelo menos nas cinco primeiras décadas do século que se passou⁶. Essa situação de exclusão social, provocou o surgimento de algumas formas de sociabilidade e ajuntamento no meio negro. A fundação de clubes dançantes, grêmios recreativos e jornais são exemplos. Os jornais negros tratavam dos assuntos que diziam respeito ao negro, mas que não apareciam nos outros jornais mais gerais. Vale salientar que outros grupos identitários também tinham seus próprios periódicos, como os voltados à comunidade italiana e espanhola, os do

⁴ Alguns números estão ilegíveis, devido a idade avançada e as formas não muito apropriadas de acomodação feitas pelos donos

⁵ Cf. ABREU, 1992:261

⁶Fernandes, 1978 cap. II vol. I

movimento operário, das organizações religiosas etc. Conforme podemos observar no depoimento de Correia Leite ,

“A comunidade negra tinha necessidade dessa imprensa alternativa. Não se tinha outro meio a não ser copiar o que as colônias estrangeiras faziam. O negro, de certa forma, era também minoria como os italianos, os alemães, os espanhóis. E todos eles tinham jornais e sociedades. As publicações negras davam aquelas informações que não se obtinham em outra parte.”⁷

A imprensa negra paulista e paulistana foi objeto de dois estudos referenciais⁸. Bastide procura através da análise dos jornais dar um quadro da mentalidade negra da época. Divide a história da imprensa negra em três períodos: o primeiro, iniciado no decorrer da Primeira Guerra Mundial teve continuidade após esta. Prevalencia nesta época, o caráter de entretenimento da imprensa, com a divulgação de eventos festivos ou opiniões virulentas, relativas aos comportamentos tidos como fora do “padrão” moral. Os jornais mais conhecidos desse período são: ‘O Menelik’ (1914); ‘O Patrocínio’, (1913); ‘A Pérola’, do Clube Dançante 15 de Novembro (1912); ‘O Binóculo’, (1915); ‘O Xauter’, criado para combater o Menelik e o Binóculo (1915); ‘O Alfinete’, (1919); ‘A Liberdade’, (1920), ‘A Princesa do Norte’ (1920) e ‘O Kosmos’ - órgão do ‘Clube Recreativo Kosmos’ - (1922).

Já no segundo momento, temos uma imprensa de função combativa e que já denunciava as condições de exclusão em que se encontravam os negros do país, em especial no estado de São Paulo. Este período vai de 1930 a 1937, com os seguintes periódicos: ‘O Progresso’ (1928), ‘Promissão’ (1932), ‘Cultura Social e Esportiva’(1934), ‘O Clarim d’ Alvorada’, (1928 - 2ª fase) e sobretudo o ‘A Voz da Raça’, (1933). Foi o período da passagem da reivindicação jornalística à reivindicação política⁹.

⁷Leite, 1992:33

⁸Bastide, 1986; Ferrara,1973.

⁹Bastide, 1986:53-54

O autor vai além, informando que a terceira fase da imprensa negra surgida no estado de São Paulo, data de 1945 e tem como principal referência o jornal produzido pelo Teatro Experimental do Negro, denominado “Quilombo” sob a responsabilidade do conhecido militante e intelectual de longa data Abdias do Nascimento.

Míriam Ferrara (1973), estuda apenas a imprensa paulista e procura aprofundar as formulações propostas por Bastide. Da imprensa negra quis compreender as práticas cotidianas, voltadas para a sociabilidade coletiva. Demonstra através dos discursos e notícias de mobilização veiculados nos jornais, como os militantes se organizavam e que tipo de reivindicações faziam na busca por reconhecimento e *status* de cidadãos.

Lança uma outra periodização, pois trabalha com todo o estado de São Paulo. A autora propõe como marco o surgimento do primeiro jornal de caráter essencialmente combativo: o *Getulino*, em 1923. A partir desta premissa, afirma que de 1915 - data do surgimento do primeiro jornal voltado para o segmento negro em São Paulo que se tem notícia - até 1923, temos jornais de entretenimento e de difusão de notícias que procuravam investigar e noticiar a vida alheia. Seriam os mesmos jornais da primeira fase de Bastide. Em 1923, surge em Campinas o jornal ‘Getulino’, sob responsabilidade do poeta Lino Guedes e de Gervásio Moraes. Este, segundo Ferrara, foi o primeiro jornal combativo e de reivindicações. Um ano depois é fundado na capital São Paulo, o ‘O Clarim’ por José Correia Leite e Jayme Aguiar. É com “O Clarim” que o caráter combativo da imprensa negra desenvolveu-se e acentuou-se. Também outros jornais com a mesma finalidade surgiram como: ‘Elite’ (1924), ‘Auriverde’ (1928), ‘O Patrocínio’(1928), ‘Progresso’ (1928), ‘Chibata’ (1932), ‘A Voz da Raça’ (1933), ‘Tribuna Negra’ (1935), ‘O Clarim da Alvorada’ (1928), ‘O Estímulo’ (1935), ‘A Raça’ (1935) e ‘A Alvorada’ (1936) .

As conclusões de Ferrara são de que com os jornais, os negros puderam desenvolver uma ideologia grupal que visava a manutenção de seus próprios valores e representações frente uma sociedade que os discriminava. Assim, a seu ver os jornais se caracterizavam por ser uma imprensa de integração, responsável por construir uma unidade de pensamento do grupo¹⁰.

Na conclusão dos autores, a imprensa negra dessas primeiras décadas em São Paulo teve três eixos primordiais: valorizar a educação em todos os níveis e sentidos, ser

¹⁰Ferrara, 1973:151

um espaço de divulgação das atividades “sadias” desenvolvidas pela coletividade negra e trazer para o debate a situação de exclusão social enfrentada pelo negro articulando-a com a questão racial.

Enquanto espaço da formação educativa, os jornais publicavam a história dos heróis negros brasileiros. Havia a preocupação em preservar a memória dos abolicionistas como Luiz Gama e José do Patrocínio, de tornar conhecidas as obras poéticas de Cruz e Souza e Castro Alves. Alguns jornais tinham seus nomes ligados à alguma personalidade negra falecida, como *O Menelik*, fundado em 1915, que homenageou o imperador etíope falecido um ano antes, e o *Getulino*, em homenagem a Luís Gama, que usava como um de seus pseudônimos, o condinome ‘Getulino’. Logo, relacionar o nome do jornal à um personagem negro importante era uma maneira de fortalecer a auto-estima desses, assim como de contribuir para preservação de uma memória afirmativa dos negros, no país e no mundo.

Os militantes da imprensa negra faziam questão de comemorar as datas que estavam relacionadas a história dos negros no país, como a Abolição da escravatura, a Lei do Ventre Livre, o nascimento de expoentes nacionais, como Luiz Gama, José do Patrocínio, Cruz e Souza etc. Assim, como se remetiam a história de Palmares, símbolo da resistência negra no período colonial. Vale ressaltar aqui, o caráter inclusivo dessa imprensa, que está preocupada em forjar novos homens e mulheres negras para a nação que se constrói. Assim, Palmares era lembrado não como um modelo de revolta, mas como primeiro passo para a libertação da Colônia, um primeiro grito de independência¹¹.

É importante destacar, que muitos jornais em circulação estimulava os negros e negras da época a continuarem seus estudos. Alguns artigos eram escritos incentivando a procura do primeiro emprego fixo. Havia uma preocupação para que constituíssem família, nos “moldes” das famílias brancas burguesas. Assim, cabia aos líderes dos jornais e das outras organizações associativas dar exemplo para que os outros pudessem vê-los como modelo a ser seguido. O jornal “O Alfinete” em 1919, deixa claro à que veio, ao criticar o comportamento alheio. No depoimento de José Correia Leite, o jornal é apontado como um dos que mais fazia críticas aos maus costumes. Segundo ele “*O Alfinete não dava alfinetadas no sentido político ou ideológico. Eram*

¹¹Bastide, 1986:70

alfinetadas no sentido de corrigir a moral, denunciar pessoas que aparentemente tinham dignidade mas escorregava.”¹²

Observamos portanto, que a imprensa orientava-os para desenvolverem uma outra sociabilidade, para que com o tempo o grupo branco, composto na maioria por estrangeiros e seus descendentes, pudesse vê-los sem os estereótipos de desocupados, marginais, arruaceiros, malandros, etc. Era perseguindo este ideal que os jornalistas negros publicavam em seus jornais os locais para a diversão, as dicas moda, de boas maneiras etc.

Entretanto, para o nosso trabalho interessa o viés de denúncia que a imprensa foi adquirindo com o passar dos anos. As dimensões educativa e de espaço de sociabilidade que a imprensa negra desenvolveu já foram bastante investigadas. No entanto, aspectos ligados ao caráter político dessa imprensa, focalizado em seus personagens carece de trabalhos mais profundos sendo portanto este o nosso interesse nessa pesquisa.

Naquela época, o jornal era o meio de comunicação mais difundido, mas poucos se colocavam dispostos a refletir sobre as questões do meio negro¹³. A não ser que se tratasse de assuntos relacionados à criminalidade e as condições de “pauperização e anomia social”¹⁴ em que a população negra se encontrava. Assim, era a imprensa negra que tratava da questão racial. Através dela alguns casos de racismo eram resolvidos, seja através da ação jurídica ou da denúncia e cobrança de resultados dos órgãos governamentais responsáveis. O desfecho do caso era publicado num número subsequente como meio de notificar a “gente negra” de que era possível haver algum tipo de mobilização e transformação da realidade.

Entendemos como uma das vertentes da ação política assumida pela imprensa, a realização de atividades culturais ligadas às datas comemorativas relativas a história do negro como o 13 de maio, 28 de setembro ou a morte de algum líder abolicionista ou poeta negro. Nessas datas eram publicados extensos memoriais sobre o personagem em

¹²Leite, 1992:33

¹³Os meios de comunicação ditos “oficiais”, ainda hoje, já no 3º milênio não conseguem representar a diversidade étnica e racial do Brasil. Assim, os povos indígenas e o grupo racial negro que compõe 45% da população do país são na maioria das vezes sub representados nestes espaços, seja através de estereótipos, do reduzido quantitativo de pessoas ou na capacidade de controlar e formular programas, pautas etc. O tema é amplamente discutido em Araújo, (2000); Araújo, (1996); Couceiro, (1996/7)

¹⁴Cf. Fernandes, 1978, cap. II vol.I

questão, além de serem realizadas reuniões, visitas aos seus túmulos etc. Tais comemorações eram divulgadas nos jornais negros e também nos outros jornais de assuntos variados, pois eram consideradas datas nacionais. No entanto, segundo relatos dos depoentes, só os negros participavam.

É consenso entre os estudos sobre imprensa negra que o jornal *O Clarim d' Alvorada* tenha sido o mais importante da época. O 'Clarim' esteve durante toda a sua existência discutindo, refletindo e denunciando as condições de vida e de exclusão social em que se encontrava a população negra em São Paulo, e no restante do país. O jornal surge com finalidades mais modestas, entretanto seus editores com o passar dos anos vão desenvolvendo mais acuradamente suas reflexões, incorporando às páginas do periódico temáticas políticas e propondo práticas mais combativas. Observemos a seguinte análise:

“Se acompanharmos, por exemplo, as mudanças registradas no próprio sub-título do jornal ‘O Clarim da Alvorada’, veremos retratadas, nelas, as transformações que foram ocorrendo na orientação imprimida no jornal, o que dá bem a idéia das mudanças ocorridas no pensamento de seus dirigentes. Logo no início, em 1924, o jornal se apresentava como ‘Orgam Literário, Científico e Humorístico’. Pouco depois, em 1927, muda um pouco e passa a ser ‘Orgam Literário, Noticioso e Humorístico’. Logo no ano seguinte 1928, nota-se uma mudança significativa e o subtítulo do ‘Clarim (...)’ passa a ser, ‘Pelo interesse dos Homens Pretos – Noticioso, Literário e de Combate’. E, em 1931, esta Segunda parte do subtítulo muda para ‘Independência – Doutrina – Verdade’. No último número de 1931 (dezembro), o jornal apresenta-se como ‘Órgão da Raça Negra’ e na propaganda do próprio jornal, que aparece em destaque na primeira página desta mesma edição, lê-se: ‘NEGRO, aqui estão as colunas de resistência e da soberania de sua legítima aspiração – apoie o seu órgão para que ele seja a alavanca da evolução negra no convívio social nacional; - Assigne ‘O Clarim d’ Alvorada, indique-o ao seu amigo, ao seu vizinho, como um dever racial na difusão de todo o NOSSO PENSAMENTO’”¹⁵

¹⁵Maues, 1997:97

Como podemos ver, é com o passar dos anos que o jornal se sofisticava na questão da militância política. Apresentaremos a partir de agora, alguns temas e movimentações levantados por Leite e colocados em debate público a partir do jornal. Mostraremos, na medida do possível, o grau de influência que o personagem exercia no meio negro, a partir das discussões travadas. Neste período, o jornal que ainda era liderado por Aguiar (redator principal), sendo Leite o redator secundário, assumiu o subtítulo *Pelo interesse dos Homens Pretos, Noticioso, Literário e de Combate* e passou a discorrer mais sobre a “*tão falada questão racial*” que tornou-se o “*ponto principal do programa*”¹⁶. Foi nessa linha de pensamento que Leite escreveu seus textos durante todo o período de existência do jornal. O militante procurava estar a par de tudo que acontecia no meio negro local, além de também dialogar com outras experiências de ativismo em outros estados da federação e até mesmo fora do país. Apresentaremos a seguir um artigo relacionado a cada temática.

Sobre a questão racial brasileira e a americana, Leite escreveu um texto bastante interessante. Já apresenta o tom de denúncia que o jornal assumirá mais efetivamente nos anos seguintes, porém numa comparação com a realidade americana diz que não temos racismo, ligando a doutrina apenas aos Estados em que há a segregação racial. Nesse raciocínio, para o militante a questão racial brasileira seria um problema dos próprios negros que seria resolvido a partir do momento que estes começassem a participar de alguma organização negra com finalidades que transpusessem a organização de bailes. Vejamos,

Na terra do preconceito

Não irei falar dos negros de lá, nem vou elogiar com entusiasmo; simplesmente quero estar somente dentro da verdade, isto é, dar a Cezar o que é de Cezar.

Lá existe de fato o preconceito, a odiosa separação das raças; e foi esse preconceito que fez o negro norte americano, um homem orgulhoso.

Bem orgulhosos são elles, porque sabem caminhar altivos, diante dos seus terríveis inimigos, que, são os próprios patrícios brancos. E desta forma, o negro norte americano triunpha sempre.

¹⁶ Leite, “As verdadeiras verdades”, O Clarim d' Alvorada, ano I 2º fase p.2 05/02/1928

Aqui, não precisa que eu diga: não existe preconceito algum para se combater. Vivemos em comunhão perfeita não somente com os brasileiros brancos também com o próprio elemento estrangeiro. Mas se aqui existisse o preconceito teria a certeza que a nossa questão racial há muito estaria resolvida. Portanto, não temos preconceito nenhum a combater, o que precisamos é trabalhar para a união do elemento negro brasileiro; não somente para o nosso bem, como também para o bem de nossa querida pátria.

*Precisamos adquirir um pouco de admiração, já que inteligência não é privilégio de ninguém. Mas admirações como essas que estão conquistando os negros americano. Não podemos viver toda a vida a esperar... a esperar... e num eterno retrocesso. Os negros norte americanos tem o direito de serem admirados, a prova esta nesse bello exemplo. Possuem os negros da América do Norte, actualmente, mais de duzentos jornais, sem contar as suas revistas. Entre elles destacam-se em primeiro plano o *The Chicago Defender*, *Philadelphia Tribune*, *The Afro American*, *The Negro World* e *The Washington Eagle*. Agora, e, nós aqui? Numa capital como esta temos o que? Com grande sacrifício um minúsculo periódico: *O Clarim d' Alvorada*, e lá em Piracicaba outros patrícios nobres e sensatos luctam para a publicação de "*O Patrocínio*". E aqui fica a mais pura das verdades¹⁷.*

(José Correia Leite, 04 de março de 1928)

Para mudar este quadro de desinteresse no meio negro Leite propõe a realização de um Congresso da Mocidade Negra Brasileira. Os números seguintes do jornal terão quase sempre artigos chamando as agremiações negras para participarem da organização do Congresso. Ao que parece, tal iniciativa não foi muito bem recebida entre os negros que não eram militantes. Fora isso, no próprio meio militante havia algumas controversas em relação ao teor do Congresso. Discutiam no jornal se deveriam participar só a juventude negra ou não seria melhor que fosse um encontro aberto a todos os brasileiros. Além disso, polemizavam sobre a legitimidade dos congressistas uma vez que o Congresso se propunha a convidar um conjunto de intelectuais, de preferência negros para expor suas considerações.

¹⁷Leite, "Na Terra do Preconceito", *O Clarim d' Alvorada*, no. 2, ano I, 2º fase, 04/03/1928

Apresentaremos abaixo algumas reflexões de Leite sobre o Congresso da Mocidade Negra. Assim, em 03 de fevereiro há a primeira chamada para a realização do Congresso.

Congresso da Mocidade Negra de São Paulo

A nossa missão como arautos das idéias moças da geração que neste instante está se estabilizando, arrastou-nos à temeridade de o cogitarmos a realização de um Congresso da Mocidade Negra de São Paulo, cujo escopo, será o de reunir a nata dos intellectuaes da raça, ao mesmo tempo que constituirá, um passo gigante no instante.

Cremos que tal congregação de carácter social pela raça, será uma célula que palpitará com vibração significativa, no projectado “Congresso Universal da Raça Negra, cuja notícia alguns jornais do Rio e de outros estados aventuraram commentadamente.

Por absoluta falta de espaço, deixamos de explanar as bases dessa nossa idéa, porém, lançamos esta semente, conscientes de que é chegado a vez do negro, e os de São Paulo precisam erguer bem alto suas tradições e seus direitos ainda não readquiridos.

Da mocidade para a mocidade eis a razão directa da nossa existência¹⁸.

(Sem assinatura)

A partir desse número Leite assume sozinho a redação do jornal. Em sua gestão a proposta de realização do Congresso da Mocidade Negra de São Paulo que depois foi expandida para o restante do país, foi um dos primeiros movimentos realizados pelo novo redator. Numa correspondência da Bahia publicada em 13 de maio do mesmo ano, temos as seguintes considerações:

¹⁸ “Congresso da Mocidade Negra de São Paulo”, sem assinatura, 03/02/29, ano IV, p.3

O Congresso

è verdadeiramente bella a idea lançada pelo Clarim d' Alvorada, O Congresso da Mocidade Negra. Para todos a primeira interrogação será: que vão tratar elles? Que querem elles? Será alguma parada em formação? Não, nada disso: não é idea revolucionária, não vão tratar de fazer ataques grosseiros ou comparações absurdas. Não naturalmente, trata de solidificar uma grande idea! A instrução do negro no Brasil.

Como já se tem dito nestas colunas, o negro neste paiz não vive vegeta; não devemos ficar nessa liberdade esfarrapada, e não pense que é com fundações de partido que e disputas legislativas que vamos conseguir nossa integralização, nem tão pouco é motivo para dar um chá dançante pela passagem do treze de maio. Não é isto. Os iniciadores da idea, apenas pedem que, devemos batalhar em favor da nosso máximo problema. A instrução e a formação dos negros dentro do lar, a obrigação sincera para com a família, porque só assim podemos ter elementos aptos para a defeza de nossas causas.

Negros congressistas do Brasil que seja o nosso programma, este ponto de partida a instrucção.

(Bahia, maio de 29 - Maria Amália Amaral)¹⁹

Como podemos ver acima, o Congresso interessou a militantes de outros estados. A leitora e, provavelmente militante de alguma agremiação baiana, vendo os debates contidos nos números anteriores e possivelmente nas reuniões realizadas pelo grupo do qual fazia parte, resolve partilhar com os outros leitores algumas reflexões. Uma de suas primeiras considerações é deixar claro, a finalidade primordial do Congresso “*a instrução do negro no Brasil*”. Além disso, por um lado, exclui aqueles estudos de intelectuais, em sua maioria não-negros, vistos por estudar os negros fazendo “comparações absurdas” com o grupo branco, por outro, exclui agora, aqueles negros interessados em “*fazer ataques grosseiros*” ou seja, os que de alguma maneira

¹⁹“O Congresso”, Maria Amália Leal, 13/05/1929, ano IV, no. 5, p. 2

quisessem romper com o *status quo*. Podemos ver pelo texto, que a proposta do encontro era de integração e não de rompimento com a nação, mas mesmo assim dadas as condições históricas em que se deu este tipo de ação não deixamos de perceber o caráter de denúncia contido no fragmento, quando afirma que “*o negro neste paiz não vive vegeta*” ainda que depois haja uma suavização ao creditar ao próprio negro a sua condição em: “*não devemos ficar nessa liberdade esfarrapada*”.

É preocupação da militante a instrumentalização da comunidade negra e isso passava, segundo suas percepções, pelos bancos escolares. Vemos também que eles estão preocupados com toda a extensão da população negra ao fazerem um Congresso que irá discutir sobre educação, uma vez que a maioria já era letrada. Nesse sentido, creditavam aos negros mais “instruídos”, considerados como intelectualidade negra a capacidade de propor mudanças às condições de vida do restante da população negra que vivia à margem. Há nessa perspectiva uma tentativa de unir os dois lados.

Ainda neste mesmo número um outro artigo, agora assinado por Leite tece considerações parecidas com as da militante baiana.

A mocidade negra

“(...) O elemento negro já sabe que precisa trabalhar para a sua integralisação moral e material; é uma conquista imprescindível, é uma necessidade inadiável que nos apresenta, é a maior consagração que se pode oferecer a memória do nosso antepassado. E será também a segurança do futuro da nova geração que vem surgindo e precisa por força, encontrar o exemplo da nossa vitalidade moral, em volta das tantas ideas sans que temos defendido e semeando no seara do bem e do bom viver.

Depois de oito lastros de liberdade os remanescentes dos ex-escravos tiveram de lutar, para não ficar intoxicados pela cachaça e outros vícios... Ficaram libertos, porém, sem pão nem lar, embrutecidos pelos martyrios do maldito regimem, tiveram também de enfrentar as correntes immigratórias que sempre foram bem remuneradas e amparadas por todas as leis do nosso paiz... Do negro ninguém cuidou, elle que fora a verdadeira machina de trabalho, para a constrrução dos alicerces do progresso que hoje assistimos, mas que a mocidade negras não toma parte activa, na tumultuosidade dessa lufa-lufa diária. E, esta folha que, de uma feita

adquiriu a confiança da classe, e tornou-se o legítimo arauto da nossa mocidade, que ainda não está aparelhada devido a falta de coesão daquelles que, que até esta data, festejam o treze de maio nas reuniões dansantes, e não numa reunião reivindicadora e nacionalista, espera que os moços de côr sensatos, cumpram seus deveres, alistando-se no primeiro Congresso da Mocidade Negra do Brasil.²⁰”

(José Correia Leite)

Há no texto uma preocupação com a finalidade do associativismo negro voltado essencialmente para as comemorações festivas sem projetos mais transformadores. Os exemplares do jornal *O Clarim d' Alvorada* nos certifica da existência de inúmeros clubes dançantes e grêmios carnavalescos, além dos famosos regionais. Os negros mobilizavam-se para tais ajuntamentos sociais, mas os intelectuais-militantes tinham outras propostas, ao que parece, pelo menos naquele momento, pouco entendidas pela maioria, uma vez que, tanto os espaços de classe média quanto os mais empobrecidos não aderiram à proposta do Congresso. Em artigos posteriores, Leite vai reclamar da falta de interesse dos negros elitizados que segundo a documentação, “não queriam se misturar”. Parece que não acreditavam na capacidade daqueles militantes em organizar um Congresso Nacional de Negros.

No texto acima, escrito cinco anos após a fundação do jornal podemos observar que Leite amadurecera um pouco mais suas reflexões ao afirmar que os negros “*ficaram libertos, porém, sem pão nem lar*”, além de terem de enfrentar “*também as correntes immigratórias que sempre foram bem remuneradas e amparadas por todas as leis do nosso paiz...*”. O militante tece análises que articulam história e política, relacionando o quadro de exclusão social vivido pela população negra, à maneira como se deu o fim a abolição e a implantação do trabalho assalariado no país. Outra questão interessante apontada no texto é a acertada relação feita entre a acumulação primitiva de capital, ocasionada pelo trabalho não remunerado do negro, à inserção na economia capitalista vivida pela sociedade brasileira naquelas décadas. Vemos nessas linhas uma tentativa

²⁰“A mocidade negra” José Correia Leite, 13/05/1929, ano IV, no. 5, p. 5

declarada do militante, em relacionar a importância do trabalhador negro no passado recente, ao progresso urbano e industrial que em particular São Paulo experimentava.

Em 09 de junho de 1929 foi lançado na primeira página do jornal o manifesto do Congresso, escrito pelo professor Arlindo Veiga dos Santos. Veiga dos Santos era formado em letras e filosofia e na época já tinha livros publicados, ao contrário de Leite que não concluíra nem o primário. Arlindo imprime prestígio à estruturação do Congresso, ao assumir publicamente a participação em seus quadros organizativos.

Em 14 de julho do mesmo ano, Jayme de Aguiar, antigo parceiro de Leite, também escreveu no *Clarim d' Alvorada* conclamando os patrícios negros a participarem do encontro. Diz que “*não se trata de uma reunião de propriedade do nosso amigo Leite não: nem tão pouco de exibições de dotes literários, científicos*”. Aguiar tenta despersonalizar o Congresso, além de fazer a coletividade negra entender que não se trata de um encontro elitista mas sim voltado aos que desejam “*a ascensão de sua raça que é nossa, para que não se propale alto e ao bom som: _ Eis ahí, um gigante forte laborioso de hontem, ora adormecido*”²¹. Vale salientar que o ontem se refere ao passado escravista, em que o negro era o único trabalhador, mas que na transição para o sistema capitalista foi colocado de lado, daí a metáfora: “adormecido”. Neste mesmo número Leite direciona críticas virulentas às sociedades “agremiações dançantes” que não se mobilizavam para a realização do referido Congresso. Critica uma suposta “neutralidade” das agremiações, que na verdade impedem seus associados de participarem dos preparativos para o encontro. Afirma que “*algumas sociedades dansantes, seguem a vontade absoluta de um membro que faz o que entende sem consultar alguém, e assim mata o apoio que podíamos obter da mocidade de São Paulo*”. Como vemos, o militante negro denuncia uma espécie de manipulação existente no meio negro por aqueles que lideravam as entidades associativas, na maioria das vezes sujeitos mais instruídos e inseridos, preocupados em construir ao seu redor um grupo cativo de admiradores. Leite vai mais longe quando diz que estes “*não percebem a decadência moral da nossa mocidade que, despreocupadamente, vai descendo cotidianamente, para o lamaçal da ignorância dansando sempre e sempre dansando*”.

²¹Aguiar, Jayme “Devemos fazer o Congresso” 14/07/1929, ano VI, no. 5, p. 1

Outros textos conclamando a mocidade negra a participar do Congresso foram escritos, porém não é nossa intenção para este momento, apresenta-los. O interesse em apresentar este debate nestas páginas foi de demonstrar um pouco a maneira que esta fonte será utilizada. São ao todo vinte e cinco exemplares que compõe a segunda fase. No entanto, alguns estão bastante danificados como já dissemos, prejudicando dessa forma a utilização para fins de pesquisa.

Como foi visto ao longo dessa apresentação um dos objetivos da pesquisa é analisar os jornais da imprensa negra para compreender as ações dos sujeitos que nela atuaram.

Bibliografia

ANDREUCCI, Álvaro & OLIVEIRA, Valéria *Cultura amordaçada: Intelectuais e músicos sob a vigilância do DEOPS/SP*, Arquivo do Estado: Imprensa Oficial, São Paulo, 2002.

ARAÚJO, Joel Zito. *A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileiro*, São Paulo: editora SENAC São Paulo, 2000

ARAÚJO, Joel Zito. *Estratégias e políticas de combate à discriminação racial na mídia*. In: Munanga, Kabengele (org). "Estratégias e Políticas de Combate à Discriminação Racial". São Paulo: Edusp/Estação Ciência, p.243-252, 1996

BASTIDE, Roger. *A Imprensa Negra no estado de São Paulo*. Estudos Afro-Brasileiros, São Paulo: Editora Perspectiva, 1986.

BARBOSA, Márcio (org.) *Frente Negra Brasileira: depoimentos*. Quilombhoje, São Paulo: 1998.

COUCEIRO, Solange. *Reflexos do 'racismo à brasileira' na mídia*. In: Revista USP, (32): 56-65, dez/jan/fev. São Paulo: CCS/USP, 1996/7.

CUTI. Luís Silva . *Frente a Frente Negra Brasileira*. Revista Proposta , Rio de Janeiro, v.15, no. 51. P. 18-21, "A questão étnica e os movimentos sociais", nov.1991.

FERNANDES, Florestan. *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*. SP ed. Ática, 1978.

FERRARA, Mírian. *A Imprensa Negra Paulista (1915-1969)*. São Paulo: Edusp, 1973.

FERREIRA, Marieta. *História, tempo presente e história oral*, Revista Topoi, Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em História Social da UFRJ/ 7Letras, no. 5, p. 314-332, set.2002

GRAMSCI, Antônio. "*Os intelectuais e a organização da cultura*", 7ª edição. Trad. Carlos Nelson Coutinho, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

LEITE, José Correia. *...E disse o velho militante José Correia Leite*, CUTI, Luís Silva, Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, São Paulo: 1992.

MAUES, Maria Angélica Motta.. *Negro sobre negro: a questão racial no pensamento das elites negras brasileiras*. Tese de doutorado em sociologia, IUPERJ, Rio de Janeiro: 1997.